Panorama

Editor: Igor Natusch
igor@jornaldocomercio.com.br

MATEUS RUBIM/DIVULGAÇÃO/JC



Icônico disco de Fernanda Abreu, *Da Lata* celebra três décadas de lançamento em show no Opinião nesta sexta-feira; álbum é considerado um marco do pop dançante no Brasil

MÚSICA

Um Brasil entalado delatado na lata

Andressa Pufal
andressap@jornaldocomercio.com.br

Há três décadas, a carioca Fernanda Abreu falava na lata o que ela pensava do Brasil. Em 1995, era lançado o terceiro disco da compositora, *Da Lata*, que impactou fortemente a cena musical brasileira ao inovar em estética, conceito e sonoridade. Em poucas palavras, *Da Lata* delatava tudo o que estava entalado. Trinta anos depois, em tempos de cultura enlatada, a gente entende que, por mais que os cães latam, quem entende da nossa lata é a sabedoria popular.

Misturando funk, samba, batucada, R&B, disco, música eletrônica e muito suingue urbano, o disco foi um dos precursores do pop no Brasil e foi eleito pela Billboard como o melhor álbum latino-americano daquele ano, entalhando o nome da ex-Blitz na historiografia musical. Em celebração a esses 30 anos, a "mãe do pop dançante brasileiro" está levando ao País um show que traz o repertório integral do disco. Porto Alegre vai receber este espetáculo nesta sexta-feira, às 21h no Opinião (José do Patrocínio, 834). Ingressos a partir de R$ 120,00 no Sympla.

"Porto Alegre é muito importante na minha carreira", conta Fernanda Abreu ao JC. "Foi a cidade em que eu fiz o meu primeiro show fora do Rio de Janeiro, no Porto de Elis. Eu tinha ficado quatro anos parada e não tinha noção de como o povo brasileiro de outras cidades iria me receber depois do hiato. É um show que está guardado na minha memória."

Com *hits* como *Veneno da Lata*, *Garota Sangue Bom* e *Brasil é o País do Suingue*, o álbum traz a compositora revestida sob um manto de lata – que pesava mais de 50 kg – em um cenário cheio de sucatas brilhantes. Na contracapa, a mesma paisagem, mas a artista aparece nua. Mostrando que nem tudo que reluz é ouro: às vezes, é lata.

"A lata tem uns símbolos importantes", diz a artista. "Desde a imagem da lata d'água na cabeça das lavadeiras descendo o morro – para lavar roupa de madame em condomínio fechado – até uma batucada, que não precisa ser num instrumento caro. Você tira som da lata e isso mostra que o brasileiro consegue ser criativo, mesmo sem ter grandes possibilidades. O manto a gente tirou do Bispo do Rosário e brincamos com isso: o sagrado na frente e o profano na contracapa." Entre a extensa gama de significados, uma coisa é certa: o nome do disco teve inspiração direta no inusitado Verão da Lata, em que milhares de latas contendo *cannabis* chegaram ao litoral brasileiro, de Cabo Frio ao Cassino, em 1987.

Além do show, o projeto *Fernanda Abreu - Da Lata 30 anos* inclui o relançamento do disco em versão vinil, um *remix* de *Garota Sangue Bom* e um livro, que reúne fotos originais recuperadas, itens de *memorabilia* e depoimentos de artistas sobre o álbum. Além disso, percorre em festivais um documentário produzido a partir de 40 horas de imagens de arquivo gravadas em 1995, que incluem gravações em estúdio, mixagem em Londres, bastidores de videoclipes e o show de estreia no Canecão, no Rio de Janeiro.

Para remontar a atmosfera conceitual de *Da Lata*, Fernanda convidou os músicos que integravam a formação da banda na época e participaram da gravação do disco. Além disso, foi desenvolvida uma projeção visual específica para cada música, utilizando pequenos trechos do documentário, criando um *storytelling* ao longo do show. O icônico figurino foi repaginado para 2026 por Cláudia Kopke, figurinista ganhadora do Oscar por *Ainda Estou Aqui* e que também assinou as roupas do show original há 30 anos.

Com a ideia de celebrar o marco, a compositora foi reouvir o disco para ver o que dele ainda reverbera no Brasil de 30 anos depois. "É um trabalho que revelava e revela ainda hoje a desigualdade do Brasil", analisa. "Tecnologicamente, acho que foi um disco que trouxe os *samples*, as programações eletrônicas. Foi a afirmação mais clara do som que eu queria nos anos 1990."

Da Lata também marca ao mostrar que os *beats* dançantes podem ser costurados a letras pensantes. "Acho que dá para você falar nas letras sem ser militante ou panfletária, mas refletir o que você vê ao seu redor", comenta. "Quando eu coloco funk carioca ali no álbum, por exemplo, eu estou, no fundo, trazendo uma crítica a essa elite que não reconhece o funk como música, que criminaliza o funk. Pista de dança é liberdade, dançar é resistência. Durante muito tempo, especialmente na ditadura, a gente trazia essa coisa dissociada. Por isso, tento fazer esse som que é o que eu gosto, que é muito orgânico para mim, mas sem esquecer do mundo em que a gente vive."